

Joaquim da Costa Ribeiro

Maurício Joppert da Silva

Sexta-feira, 29 de julho, dia sem nuvens, de setena límpida, ao morrer, da tarde, baixou ao túmulo no cemitério de São João Batista, o corpo inanimado daquele que se chamou em vida Joaquim da Costa Ribeiro. Na intimidade dos alunos e dos amigos, era o "Prof. Costinha".

Muitos o acompanharam, amigos, admiradores, alunos, até à borda da barca no sidrões porto, lembrando a imagem de Castro Alves numa poesia que lhe era querida.

As palavras que se ouviram, exaltavam-lhe as virtudes de homem e de cidadão: seu amor à família tão cruelmente privada do carinho, do afeto e da orientação do chefe, sua cultura de sábio, seus trabalhos de pesquisador dos mistérios da ciência, o escritor perfeito a corajoso, o amigo sincero a leal, a bondade e a fé que se uniam, aproximando-o de Deus, à medida que se aprofundava na ciência.

Com o sol descendo no horizonte, a noite se estendia silenciosa e as estrelas despertavam no céu, aparecendo as constelações para onde subiam as palavras evocativas, como se fossem orações de saudade, acompanhando sua alma à presença de Deus.

Não são muitos no Brasil os homens de tanto valor. O ambiente não estimula a sua formação de estudo, de pensamento, de elevação. A luta diária pela subsistência, as fadigas que ela causa, as injustiças, e as incompreensões dos que administram a coisa pública, a competição dos arrivistas que afastam os mais capazes, desanimam quase sempre aqueles que trazem do berço o propósito de serem bons e de se dedicarem ao bem de todos, cultivando as virtudes superiores da alma.

Joaquim da Costa Ribeiro diplomara-se pouco antes e entrava os primeiros passos na atividade de professor e de cientista quando a revolução de 1930 implantou no Brasil o primeiro governo discricionário a que a nossa geração assistiu. A época não era propícia às carreiras intelectuais e só as vocações muito firmes poderiam nela insistir. O jovem engenheiro da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, interessado no magistério superior e nas ciências fundamentais da profissão que abraçara, não desanimou.

Triunfavam melhor os facultados inferiores dos demagogos que mentam ao povo, os arrivistas e os áulicos que baseiam o poder.

Joaquim da Costa Ribeiro

(Conclusão da página 3)

de Filosofia, para pontos obscuros da Física Nuclear. A uma pergunta que lhe fez sobre o que era realmente o *electron*, respondeu-me sorrindo maliciosamente: — É um buraco no vácuo...

Os mistérios não desaparecem: recuam apenas à medida que avançam as pesquisas.

A criação do Conselho Nacional de Pesquisas, graças ao trabalho quase sobre-humano de Alvaro Alberto, ofereceu a Costa Ribeiro um novo campo de atividade fecunda, onde ele brilhou entre os primeiros. A pesquisa científica brasileira deve-lhe um esforço e uma colaboração imensa. E quando a má-fé de uns, a incompreensão de outros, e ainda a maldade de terceiros, tentaram aniquilar Alvaro Alberto e arruinar-lhe a obra, Costa Ribeiro saiu do silêncio de seu gabinete, o bravo e corajoso, veio desmascarar de público os que agiam na sombra. Foi um gigante de nobreza e de lealdade para com o amigo e companheiro, grande e bom, tão bom quanto ele.

O gabinete de estudos, o laboratório de pesquisas, tornaram-se suspeitos aos usurpadores da coisa pública. Eram desprezados, humilhados e mal pagos.

Quatro anos de regime constitucional fizeram de novo brilhar o Cruzeiro do Sul, reanimando as esperanças dos que acreditam na vitória pelo trabalho e pelo esforço honesto.

1937 abateu novas sombras e desânimos sobre os professores e pesquisadores. Era preciso muita força de ânimo para resistir e continuar. Costa Ribeiro, cuja mocidade lhe permitiria voltar-se para novos rumos mais benéficos pelas que mandavam, persistiu. Mesmo quando burocratas lamentáveis mandavam cortar o título de *Professor* aos membros do magistério nos documentos oficiais. No entanto, seu nome era, respeitado e admirado nos meios de cultura do Brasil e do estrangeiro. Su Deus sabia de suas dificuldades que aumentavam com os encargos de chefe de família.

O restabelecimento da plenitude de direitos dos cidadãos brasileiros desanuviou os horizontes. O magistério e a pesquisa readquiriram o prestígio e a liberdade. Costa Ribeiro expandia sua atividade, seu saber, na plenitude de uma inteligência poderosa. Estudava, pesquisava e ensinava. Sua figura tornava-se conhecida: estatura abaixo da mediana, cabeça grande, testa imensa, cabelos abundantes, onde proliferavam precocemente os fios brancos, olhos penetrantes e um cachimbo que era o companheiro inseparável de suas meditações.

Formara no grupo de jovens patricios estudiosos que se aprofundavam na física das partículas e das radiações. Era um ramo novo da filosofia natural, em criação, cujas descobertas se sucediam todos os dias. Sua importância, hoje todos compreendem, após as bombas de Hiroshima e Nagasaki. O átomo, perdura a integridade, a massa dependia da velocidade, e mundo era limitado, o espaço era curvo.

Certa ocasião encontramos-nos na Avenida Rio Branco: ele se interessava por um trabalho meu sobre análise dimensional e semelhança mecânica. Publicação de um curso de conferências que eu fizera na Escola Técnica do Exército. Palestramos alguns momentos e a conversa derivou para os fenômenos estudados em sua tese de concurso na Faculdade Nacional

(Conclui na página 2)

Faltou-lhe a esposa querida, que Deus levará há cerca de cinco anos. Ficaram-lhe os nove filhos e a nova geração de netos que começava. Consolava-o, talvez, o encanto de ser avô, mas não esquecia aquela amiga, carinhosa e meiga, que o acompanhara e lhe dera forças para lutar desde moço. Entregava a Deus as confidências porque era católico praticante dos mais sinceros e convictos. O saber, que envidence os fracos, humilha os fortes que se sentem cada vez mais pequenos ante a obra do Criador.

Morreu como soldado, em plena luta pela sua ciência, numa festa cordial que reuniu estudiosos de Física Nuclear da América Latina, que vinham ao Brasil para trocar idéias e comunicar resultados de estudos e pesquisas. Tivera de seus pares a merecida consagração. Poucos têm elevado o nome do Brasil tão alto nos meios científicos.

Deus haja a sua alma!